



SIMONE WEIL: CIVILIZAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE DO TRABALHO*

Simone Weil: Civilization of Spirituality at Work

Andreia Cristina Serrato**

Resumo: Repensar a condição humana, mais especificamente o trabalho humano, permeou a vida e a obra de Simone Weil, grande intelectual francesa do séc. XX. Momento importante, no séc. XXI para retomar o que Albert Camus afirmou em 1949, após a Segunda Guerra: “Parece-me impossível imaginar um renascer para a Europa que não tenha em conta as exigências definidas por Simone Weil”. O objetivo da pesquisa é apresentar a compreensão de Simone Weil sobre a “mística do trabalho” e identificar elementos que contribuam para a reflexão sobre a condição do trabalho na atualidade. Para o desenvolvimento deste estudo são utilizados textos importantes da autora, como *A gravidade e a graça* (1947) e *Condição operária* (1951). Como resultado, destaca-se o novo método que é proposto por Simone Weil para unir trabalho e contemplação para uma espiritualidade do trabalho.

Palavra-chave: Mística. Condição operária. Sofrimento humano.

Abstract: Rethinking the human condition, more specifically human work, permeated the life and work of Simone Weil, a great French intellectual of the century XX. Important moment in the century XXI to resume what Albert Camus said in 1949, after the Second War: “It seems impossible to imagine a rebirth for Europe that does not take into account the demands defined by Simone Weil”. The objective of this research is to present Simone Weil’s understanding of the

* Artigo recebido em 20/07/2021 e aprovado para publicação em 18/12/2021.

** Doutora pela Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Professora da Graduação em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

‘work mystique’ and identify elements that contribute to the reflection on the condition of work today. For the development of this study, important texts by the author are used, such as *The gravity and grace* (1947) and *Working condition* (1951). As a result, we highlight the new method that is proposed by Simone Weil to combine work and contemplation for a spirituality of work.

Keywords: Mystic. Worker condition. Human suffering.

Introdução

A história está sendo cada vez mais tecida pelos desafios implicados através da luta por uma democracia em meio aos totalitarismos, fundamentalismos, à crise provocada pela Covid 19 no séc. XXI. Desabrocha um momento de falta de controle, vulnerabilidades, supérfluas seguranças, desvelando um ser humano adormecido para aquilo que sustenta e dá força e vida à existência. Conduz à reflexão e ao mergulho na própria interioridade ao arrancar das suas entranhas o ser vulnerável, finito e oportuniza ao ser humano passar da individualidade para o coletivo, do egoísmo para a solidariedade.

De maneira geral, observa-se que onde impera a injustiça estrutural, avança a desigualdade e há uma perda da compaixão. Os progressos tecnológicos não correspondem aos valores morais de solidariedade, justiça e igualdade, como tão pouco o crescimento econômico à eliminação da pobreza. Ao contrário, maior progresso tecnológico e crescimento econômico, menos solidariedade, compaixão, justiça e igualdade.

Simone Weil (1909-1943), grande intelectual francesa, militante e mística, irrompeu numa das décadas mais devastadoras do século XX, munida de sua rara inteligência, notável autenticidade e totalmente compassiva ao sofrimento humano. Viveu um contexto desafiador, entre a Primeira e a Segunda Guerra, poder capitalista que emergia nos EUA, produções de massa e regimes totalitaristas. Foi nesse meio social e político que Simone Weil realizou suas primeiras experiências de solidariedade. A busca da verdade e o princípio de compaixão e pobreza sempre nortearam sua vida desde muito jovem: “não me lembro de um dia que o espírito de pobreza não tenha feito parte de minha vida. Esse espírito despojado fez-me entrar em contato com a poesia e com o mundo”¹.

Na sua busca constante pelo que ela chama de verdade, é conduzida na direção daqueles que clamam por justiça. Na certeza de que nem a razão e nem os discursos aclamados sem a experiência seriam suficientes para

¹ WEIL, S. *La Source grecque*. Paris: Gallimard, 1963, p. 128.

contribuir com a causa operária, inseriu-se no seio da situação, ao lado dos operários, para extrair as reais causas da opressão capitalista no contexto das fábricas francesas.

Para ela, a filosofia se fazia na ação. Tanto que tudo o que pensou intelectualmente experimentou com o próprio corpo. Neste sentido, compreende-se a mística como caminho para a superação dos fundamentalismos e das injustiças. Um exemplo dessa unidade é a própria Simone Weil, que viveu a experiência mística trabalhando como operária em uma fábrica, em solidariedade aos trabalhadores oprimidos, ou seja, os mais vulneráveis da sociedade.

A jovem filósofa que aos 17 anos desafiou Trotsky, um intelectual marxista e revolucionário bolchevique, e que escreveu muitos artigos em favor dos operários, desde criança, sente compaixão pelo sofrimento humano. Fazia a experiência solidária de dividir o que tinha.² Sua vida esteve pautada na seguinte afirmação: “a filosofia é coisa exclusivamente em ato e prática”³.

O objetivo deste trabalho encontra-se em apresentar a mística do trabalho de Simone Weil como possível superação da injustiça e opressão. Para iniciar, será apresentada a experiência da jovem francesa como operária e suas reflexões sobre o trabalho. Em seguida, a compreensão de Simone Weil sobre a mística do trabalho. E, para finalizar, alguns vestígios para sinalizar uma nova condição operária através da civilização da espiritualidade do trabalho.

1. O trabalho, sinal da condição operária

Weil era uma mulher de grande estatura e muito vivaz. Tinha problemas crônicos de respiração e era acometida frequentemente por terríveis dores de cabeça. Se a fragilidade estava aparente em sua saúde, a força avassaladora se revelava na sua compaixão pelas dores do mundo.

Depois de lecionar numa escola secundária para moças em Le Puy, em 1934, época em que se colocou ao lado dos desempregados e participou da revolução proletária, decidiu trabalhar como operária. Quis presenciar por ela mesma a vida dura dos operários, apesar de suas dores de cabeça e das deficiências psíquicas que sempre teve de superar. Não admitia ser diferente de seus companheiros de atelier, alugou um quarto em uma mansão vizinha à fábrica.

² Biografia base a partir da obra de sua amiga: PÉTREMENT, *La Vie de Simone Weil*, p. 18 (a tradução é nossa).

³ WEIL, S. *La Connaissance Surnaturelle* (Cahiers d'Amérique). Paris: Gallimard, 1950, p. 335.

Em dezembro de 1934, Simone trabalhou em uma fábrica como manobrista de máquina. Da experiência na fábrica resultou seu *Journal d'Usine* e escreveu *Condição operária*, em 1935. Depois da experiência de um ano de trabalho na fábrica, relatou o dia a dia, semana após semana, de seu trabalho operário. Na segunda semana, por exemplo, relata sua forte dor de cabeça – diz que trabalha mal e lentamente. No dia seguinte, está melhor, tem mais força, mas sente uma terrível dor nos olhos. O calor do forno era quase insuportável, assim as brutais mudanças de temperaturas eram prejudiciais também. O corpo quase não suportava o peso das peças, as mãos frágeis machucavam ora pelo calor, ora pela rudeza do metal.

O que viviam na fábrica era algo realmente exigente e aniquilador⁴. Simone afirma que a velocidade dos movimentos com que deveriam agir diante das máquinas era mais rápida que o pensamento, “matando-os”. Há ainda a brutalidade do tratamento dos chefes para com os empregados, pois a produção nem sempre é suficiente para ganhar para comer.⁵ Relata suas experiências e de seus colegas de trabalho, que nas dificuldades “matam”⁶ as peças a serem executadas.

Nesse mesmo ano, em 2 de janeiro, escreveu: “a exaustão extrema me faz esquecer as razões verdadeiras de minha estada na fábrica, torna quase invencível para mim a tentação mais forte que comporta esta vida: esta de não mais pensar, só e único meio de não se sofrer”⁷. Compreende, assim, porque os operários não reivindicam.

Estando na fábrica, confundida aos olhos de todos e aos meus próprios com a massa anônima, a desgraça dos outros entrou em minha carne e em minha alma. Nada me separava disto, porque havia esquecido realmente meu passado e não esperava nenhum porvir, e dificilmente podia imaginar a possibilidade de sobreviver àquelas fadigas. O que sofri ali me marcou muito (...) Recebi ali para sempre a marca da escravidão, como a marca de um ferro quente que os romanos colocavam em seus escravos mais desprezíveis. Desde então, passei a ver-me como uma escrava.⁸

O sofrimento de descentralização do eu é o que afirma: “de fato entrou tão profundamente em meu coração o *malheur* da degradação social que desde então estou sempre me sentindo uma escrava, no sentido que esta palavra tem para os romanos”⁹.

⁴ Para conhecer os relatos diários do trabalho da fábrica ler: WEIL, *A condição operária*.

⁵ WEIL, S. *La condition ouvrière*. Paris: Gallimard, 1951, p. 32.

⁶ “Matam”: expressão que utiliza para falar quando estragam uma peça na usinagem. Quando a peça foi perdida e não pode ser aproveitada (WEIL, S. *La condition ouvrière*. Paris: Gallimard, 1951, p. 16).

⁷ WEIL, S. *Œuvres*. Simone Weil. Introduit et dirigé par F. de Lussy. Paris: Gallimard, 1999, p. 63.

⁸ WEIL, S. *Attente de Dieu*. Paris: La Colombe, 1952, p. 36.

⁹ WEIL, S. *Œuvres*. Simone Weil. Introduit et dirigé par F. de Lussy. Paris: Gallimard, 1999, p. 797.

O conceito de *malheur*, traduzido aproximadamente por desgraça, é importante no pensamento da jovem filósofa. Para ela, o sofrimento compreende o ser humano em sua totalidade. Assim, *malheur* afeta todas as dimensões do ser humano: física, psíquica, espiritual¹⁰ e social: “a extrema desgraça, que é por sua vez dor física, angústia da alma e degradação social”¹¹. A desgraça é um desenraizamento da vida. (...) A desgraça mantém Deus ausente durante um tempo. (...) Durante esta ausência não há nada para amar. É que, se a alma deixa de amar, a ausência de Deus torna-se definitiva.¹²

Sobre a experiência da fábrica, afirmou ainda que quando se renuncia ao autocontrole por não resistir à realidade do sofrimento ou por não poder se afastar dos socialmente marginalizados, por exemplo, inicia-se um processo de *décréation*, traduzido por descrição, outro conceito importante para Weil. *Décréation* é o esvaziamento do ser humano, sua *kenose*, para esvaziar-se de si e deixar que Deus ocupe esse espaço. Para ela, o ser humano se descreia para se recriar em Deus, aqui imita a *kenose* divina.

Assim, após a dura experiência da fábrica, antes de retornar ao magistério, ela relatou sair com “a alma e o corpo em pedaços”¹³, pois aquela experiência tinha matado a sua juventude. Foi a experiência da própria desgraça, do *malheur*, como denominou, que até então não tinha experimentado. E nesse domínio do sofrimento, o *malheur* é para ela a própria escravidão¹⁴. Simone nunca desejou o sofrimento, mas encarou-o sempre quando ele apareceu e a fez sentir mais intensamente a dor do outro. Sua saúde frágil a fez sentir seu corpo sempre muito encarnado no mundo.¹⁵ Assim, afirma que a experiência foi muito dura, mas a transformou de uma vez por todas. Não viver isso e não tomar consciência “é o trabalho sem luz de eternidade, sem poesia, sem religião”¹⁶. Não somente o corpo físico, mas sua dignidade sai afetada.

A minha vida na fábrica foi uma experiência única. Quanto a mim mesma, veja o que significou o trabalho na fábrica. Mostrou que todos os motivos exteriores (que antes eu julgava interiores) sobre os quais, para mim, se apoiava o sentimento de dignidade, o respeito por mim mesma, em duas ou três semanas ficaram radicalmente arrasados pelo golpe de uma pressão brutal e cotidiana.¹⁷

¹⁰ Simone Weil escreve sobre as dimensões do ser humano em seus escritos: WEIL, *Leçons de philosophie* (Roanne 1933-1934). Transcritas e apresentadas por Anne Reynaud-Guérithault. Paris: Plon, 1959.

¹¹ WEIL, S. *Attente de Dieu*. Paris: La Colombe, 1952, p. 97.

¹² WEIL, S. *Attente de Dieu*, p. 82-84.

¹³ *Ibid.*, p. 36.

¹⁴ WEIL, S. *La condition ouvrière*. Paris: Gallimard, 1951, p. 20.

¹⁵ SERRATO, A; SOUZA, W. Práxis místico-ética em Simone Weil: a compaixão pelo outro sentida à flor da pele. *Pistis & praxis*. v.10, n.2, 2018, p. 330.

¹⁶ WEIL, S. *Œuvres Complètes VI -1: Cahiers I* (1933-septembre 1941). Paris: Gallimard, 1994, p. 209.

¹⁷ WEIL, S. *Attente de Dieu*. Paris: La Colombe, 1952, p. 81-82.

A dolorosa experiência do trabalho fabril em condições de aguda exploração é alimento para reflexões que marcam toda sua trajetória como pensadora. Uma pensadora ferida pela verdade de que “nenhuma poesia sobre o povo é autêntica se a fadiga não estiver presente nela, assim como a fome e a sede nascidas da fadiga”¹⁸, nos deixa um insuperável diagnóstico das causas da escravidão moderna: “as coisas representam o papel dos homens, os homens representam o papel das coisas: eis a raiz do mal”¹⁹.

Hanna Arendt escreve sobre um tipo de escravidão também:

Se realmente for comprovado esse divórcio definitivo entre conhecimento (no sentido de “Know-How”) e o pensamento, então passaremos, sem dúvida, à condição de escravos indefesos, não tanto de nossas máquinas quanto de nosso “Know-How”, criaturas desprovidas de raciocínio, à mercê de qualquer engenhoca tecnicamente possível, por mais mortífera que seja.²⁰

Em seu diário da fábrica, Simone relata seus dias duros e pesados de trabalho e uma série de textos em que lança a filosofia e a moral dessa experiência. Nessa reflexão, a autora relaciona sua época à revolução industrial:

Muitas vezes se fala da revolução industrial para designar exatamente a transformação que se produziu na indústria quando a ciência se voltou para a produção e apareceu a grande indústria. Mas pode-se dizer que houve uma segunda revolução industrial. A primeira se define pela utilização científica da matéria inerte e das forças da natureza. A segunda se define pela utilização científica da matéria viva, isto é, dos homens.²¹

A dura experiência a transformou de uma vez por todas. Afirmou estar feliz em tê-la vivido: “saí muito diferente do que eu era quando eu entrei – esgotada fisicamente, mas moralmente endurecida”²².

Ela encerra sua experiência de fábrica encontrando-se completamente esgotada física e emocionalmente e, no verão de 1935, parte em férias para Portugal, onde teve o primeiro contato com o catolicismo.²³ Essa experiência massacrante da fábrica é o pano de fundo do primeiro contato marcante da autora com o catolicismo.

Simone reafirma seu posicionamento: “antes que a sociedade possa ser regenerada, devemos reconhecer que cada problema social é um sintoma de um profundo “desenraizamento” (um estado mais ou menos similar à vida puramente vegetativa), produzido por – naturalmente – dinheiro, “mecanismo”, ciência e tecnologia, todos eles divorciados da vida e através do uso da força”. A política deve ser algo mais do que impor uma ideologia

¹⁸ WEIL, S. *Œuvres Complètes VI -1: Cahiers*, p. 202.

¹⁹ WEIL, S. *La connaissance surnaturelle*. Paris: Gallimard, 1991, p. 206.

²⁰ ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 11.

²¹ WEIL, S. *La condition ouvrière*. Paris: Gallimard, 1951, p. 182.

²² WEIL, S. *La condition ouvrière*, p. 16.

²³ WEIL, S. *Œuvres*. Simone Weil. Introduit et dirigé par F. de Lussy. Paris: Gallimard, 1999, p. 770.

sobre a tática particular de um grupo social que queremos levar adiante, conclui Simone. Deveria ser uma reflexão inteligente sobre a realidade, conduzida por pensadores profundos.

Mais tarde, assume um trabalho manual no campo, na época da colheita, e nos vinhedos, na época da safra. Queria escrever sobre a guerra, mas não sem experimentá-la. Em 1936, no início de agosto, vai para Barcelona. Participou, durante muitas semanas, no *front* de Catalunha, vivendo a agonia do exército republicano, e sentiu no fundo de seu ser os desastres da guerra.

Do início ao fim de sua vida, a filosofia²⁴ weiliana foi: “coisa exclusivamente em ato e prática” (CS 335). O primeiro paradoxo que uma leitura filosófica de Simone deve afrontar é que seu pensamento não opõe a definição política do ser humano a esta que seria sua dimensão metafísica. Como toda a tradição platônica, “a filosofia é em efeito um trabalho especulativo sobre o lugar da existência dos valores transcendentais. Não só filosofar é ‘conceber’, mas a filosofia é e deve ser uma crítica da vida em nome do Bem que esta deseja sem poder se identificar”²⁵.

A definição da filosofia de Simone Weil, para E. Gabellieri, aparece toda no primeiro *Cahiers de Marseille*, período quase ininterrupto em que escreve do final do ano de 1940 até sua morte, em 24 de outubro de 1943²⁶. Coloca seu pensamento na linha da definição grega: filosofia como conhecimento prático e “exercício espiritual”.

O pensamento de Simone Weil, afirma L’Yvonnet, “as exigências espirituais, morais e políticas que ela formulou em 1942-43, desde o momento da escrita de Enraizamento, estão intactas e são mais que primordiais. Falta à Europa uma alma. Falta à política uma inspiração”²⁷.

2. A “Mística do Trabalho” segundo Weil

Para apresentar sobre a mística do trabalho desenvolvida por Simone Weil, antes, será explicitada a compreensão de mística dentro do cristianismo a partir de Velasco. Ao se olhar os dicionários, a definição de mística

²⁴ Para saber mais sobre S. Weil e filosofia, consultar: BINGEMER, M. C.; PUENTE, F. R. *Simone Weil e a filosofia*; MARIANELLI, *La metáfora ritrovata: miti e simboli nella filosofia di Simone Weil*; GABELLIERI, E. *I-Philosophie*, p. 15-162.

²⁵ GABELLIERI, E. *Simone Weil*. Paris: Ellipses, 2001, p. 7.

²⁶ Simone teve uma larga produção em seus 34 anos de existência. Não somente quantitativa, mas também qualitativa. Escreveu sobre política, economia, história, literatura, religiões comparadas, matemática, física, filosofia, teologia e mística, ainda fez poesia e obras de teatro. Consultar: PÉTREMENT, S. *La vie de Simone Weil*; BINGEMER, M. C. *Simone Weil: una mística en los límites*.

²⁷ GABELLIERI, E.; YVONNET, F. (Orgs.). *Simone Weil*. Paris: Les Cahiers de l’Herne, 2014, p. 9.

apresenta-se como “*cognitio Dei experimentalis*”, ou seja, o conhecimento de Deus por experiência²⁸. Partindo desse pressuposto, une-se aqui a compreensão de que a experiência mística não está separada da práxis, mas ela acontece porque a práxis e a ética a permitem. Segundo Velasco “somente ao atender a dimensão ética, social e política da existência mística se está em condições de realizar uma experiência mística autêntica”²⁹.

O autor afirma ainda: mística é experiência de encontro que transforma, pois a pessoa sai diferente, sai com um coração novo. No caso, no exemplo da conversão de Paulo (At 9, 1; 22, 3-17; 26, 9-18), ao ser questionado – o que queres que eu faça? – apresenta a resposta de todos os convertidos: o desarmamento do sujeito, de sua cegueira, mudança de caminho, resultando então no encontro com a pessoa de Jesus Cristo como revelação do próprio Deus que o chama.³⁰ Assim, “a mística significa no vocabulário cristão uma forma especial de conhecimento de Deus que se caracteriza por sua condição experiencial e por chegar a Deus além do que permite alcançar o conhecimento por conceitos”³¹.

A experiência mística consiste na união da própria vontade com a vontade de Deus, ou seja, no amor ao próximo, como meio e expressão do amor de Deus e inclui a dimensão ética – a provoca e a desenvolve: “porém, dada a relação estreita e recíproca que mantém estas duas dimensões, é possível mostrar que a experiência ética remete a experiência mística (...) É possível mostrar uma experiência ética do crente, e inclusive uma experiência ética de todo ser humano”³².

Adentra-se, então, no pensamento de Simone Weil. No trabalho na fábrica ela percebe a grandeza da plenitude humana. Ela formula uma exigência que torna o trabalho mais individual, a fim de que ele possa ser mais bem dominado pelo operário, ou seja, uma relação entre o trabalho e o operário, e não uma repetição forçada, cujo pensamento é cortado pelo gesto de seu corpo servindo as máquinas³³. Ao deixar espaço para o operário refletir

²⁸ Sobre isso, diz MOIOLI, no verbete *Mística Cristiana*, *Nuevo Diccionario de Teologia*, Madrid: BAC, 1982, p. 931: “Para definir la mística, se puede hablar de una experiencia religiosa particular de unidad-comunión-presencia, em donde lo que se ‘sab’ es precisamente la realidad, el dato de esa unidad-comunión-presencia, y no una reflexión, una conceptualización, una racionalización del dato religioso vivido”, citado por GAMARRA, S. *Teologia espiritual*. Madrid: BAC, 1994, p. 27.

²⁹ VELASCO, J. M. *El fenómeno místico: estudio comparado*. Madri: Trotta, 1999, p. 465.

³⁰ VELASCO, J. M. *La experiencia mística*. Estudio interdisciplinar. Madri: Trotta, 2004, p. 10-12.

³¹ VELASCO, J. M. *La experiencia mística*, p. 17.

³² VELASCO, J. M. *El fenómeno místico: estudio comparado*. Madri: Trotta, 1999, p. 462.

³³ Mesma fonte nos parece foi proposta da ciência no Cahier III: “Ciência e técnica. Pode-se conceber também uma ciência da natureza orientada sobre uma técnica de aperfeiçoamento interior”. Para Weil, nas pesquisas científicas, o ser humano deve ser o centro de interesse, caso contrário, a ciência fica obscurecida no tecnicismo. (WEIL, S. *Œuvres Complètes VI -1: Cahiers I (1933-septembre 1941)*. Paris: Gallimard, 1994, p. 356.

sobre sua ação, deixa-se unir corpo e espírito. Assim, ligar espírito e corpo será uma fonte primordial da definição da espiritualidade do trabalho.³⁴

No trabalho da fábrica, quando não forçada a ações brutais, repetições sob a pressão do tempo de uma máquina, ela percebe a grandeza da plenitude humana e a espiritualidade, que ela chama de espiritualidade do trabalho, na qual se encontraram conciliadas todas as aspirações do ser humano, no equilíbrio do carnal e do espiritual. O problema, relatado por ela é o trabalho operário ser duro de forma a não deixar espaço, inclusive, para pensar. Do contrário, o trabalho é o momento de viver a unidade do ser humano. “Isso porque há um privilégio do trabalho manual, que é tocar o mundo em sua verdade nua. Os membros estão quebrados pelo esforço de uma jornada de trabalho, em que o corpo foi submisso à matéria, e carrega na sua carne como na espinha dorsal a realidade do universo”³⁵. A diferença seria o trabalhador tomar consciência do trabalho que executa.

Na continuidade de suas experiências, em setembro de 1941, vai trabalhar nas vindimas em Saint-Julien-de-Peyrolas. O trabalho é muito duro. Relata à sua amiga Simone Pétrement: “As fadigas de meu corpo e da alma se transformam em nutrição para um povo que tem fome”³⁶. Em 1942, em Ardèche, assume trabalhos manuais com os camponeses, ora no campo na época da colheita, ora nos vinhedos na época da safra.

Simone Weil escreverá mais tarde sobre sua experiência no trabalho no campo, em seus *Cahiers* (K13³⁷), durante o período que esteve em Marseille, em abril de 1942. Ela afirma que Deus reside no alimento fabricado pelo trabalho humano. E o camponês, com seu trabalho, dá um pouco de sua carne para tornar-se carne do Cristo³⁸. “É suficiente olhar minha carne e meu sangue como a matéria inerte, insensível, e comestível pelo outro”³⁹.

Simone Weil estabelece, ainda, a relação exata ao exercício físico, ou ao corpo: “se o trabalho de arar me faz emagrecer, minha carne se faz realmente trigo. Se este trigo serve para a hóstia, esta se faz carne para Cristo. Qualquer um que are com esta intenção, deve se converter em santo”⁴⁰.

³⁴ GABELLIERI, E. *Simone Weil*. Paris: Ellipses, 2001. p. 1.

³⁵ WEIL, S. *Œuvres Complètes VI -1: Cahiers I (1933-septembre 1941)*. Paris: Gallimard, 1994, p. 360.

³⁶ PÉTREMENT, S. *La vie de Simone Weil*. Paris: Fayard, 1973.

³⁷ ‘K’[ms] indicação nas Obras Completas da página do Cahier.

³⁸ Na folha [ms 141] escreve: para que um homem seja realmente habitado pelo Cristo como hóstia após a consagração, é necessário primeiro sua carne e seu sangue sejam tornados matéria inerte, e mais comestível por seus semelhantes. Então esta matéria pode tornar-se por uma consagração secreta carne e sangue do Cristo ([ms 141] WEIL, S. *Œuvres Complètes VI -4: Cahiers (juillet 1942-juillet 1943)*, La Connaissance surnaturelle. Cahiers de New York et de Londres. Paris: Gallimard, 2006, p. 123).

³⁹ WEIL, S. *La connaissance surnaturelle*. Paris: Gallimard, 1991, p. 40.

⁴⁰ WEIL, S. *La connaissance surnaturelle*, p. 40.

Maria Villela-Petit⁴¹ explica, a partir do livro *Une philosophie du travail* de Robert Chenavier⁴², que, para Simone Weil, o conceito de “trabalho” é o de uma atividade metódica, isto é, que procede por etapas segundo uma ordem determinada. Assim, o conceito tem uma extensão muito vasta. Pode servir para designar tanto um trabalho manual quanto intelectual ou mesmo um exercício espiritual. O que importa é que quem trabalha pode ter uma verdadeira consciência do que está fazendo e não ser apenas um mero executante, incapaz de apreciar o porquê de tal ou tal procedimento. Só assim ele pode se sentir livre e, portanto, humano, diante da necessidade que determina e regula o que deve fazer para obter um resultado satisfatório.

No livro *A Gravidade e a Graça* (*La pesanteur et la grâce*) Simone Weil desenvolve o que ela chamou de mística do trabalho e afirma: “a grandeza do homem está no fato de sempre recriar sua vida. Recria o que é dado a ele. Forja aquilo mesmo que padece. Com o trabalho produz sua própria existência natural. Com a ciência recria o universo por meio dos símbolos. Com a arte recria a aliança entre seu corpo e sua alma”⁴³. Para ela se tomado cada um desses pontos separados, representa-se algo pobre e vazio. Contudo, a união dos três representa a cultura operária.

Em seguida discorre sobre a espiritualidade do trabalho e escreve: “a grande dor do trabalho manual é que você é forçado a colocar tantas horas de esforço, apenas para existir. O escravo é aquele que nenhum bem lhe é oferecido como objetivo de seu cansaço, se não a mera existência”⁴⁴. Afirma que nesse processo, infelizmente, confirma-se a escravidão, pois os trabalhadores “precisam mais de poesia que de pão. Precisa que sua vida seja poesia. Precisa de uma luz de eternidade.

A novidade encontra-se em afirmar que só a religião pode ser a fonte dessa poesia. E, ao privar os trabalhadores dessa poesia, explicam-se todas as formas de desmoralização. Assim no trabalho manual o tempo entra no corpo por meio do trabalho, e o ser humano se torna matéria como Cristo por meio da eucaristia.

E aqui, o trabalho que não desempenhar o papel de unir, no ser humano, corpo e alma, ou seja, que não o conduzir a tomar consciência de sua ação, está sendo escravizado. Nem a mística, nem a liberdade, nem a poesia terão lugar. E o trabalho torna-se escravidão sem a luz da eternidade, sem poesia, sem religião – será opressão e não liberdade.

⁴¹ Disponível em: http://amaivos.uol.com.br/amaivos2015/?pg=noticias&cod_canal=41&cod_noticia=6525. Acesso em: 12 set 2019.

⁴² CHENAVIER, R. *Une philosophie du travail*. Paris: Cerf, 2001.

⁴³ WEIL, S. *La pesanteur et la grâce*. Paris: Librairie Plon, 1947-1988, p. 177.

⁴⁴ WEIL, S. *La pesanteur et la grâce*, p. 177.

Para uma espiritualidade do trabalho, em Simone Weil, o que conta é a ligação do corpo e do espírito. E para que isso seja realmente uma experiência do real, é preciso que haja cansaço do esforço corporal. Seja no trabalho na fábrica seja no trabalho no campo, é a mesma coisa. É unificar o corpo e o espírito através da relação com uma matéria, que é o terceiro fim do trabalho. É, assim, possível realizar a experiência mística através do trabalho.

3. A civilização da espiritualidade do trabalho como sinal da condição humana

A reflexão sobre o significado do trabalho para uma economia verdadeiramente humana, em um fragmento que podemos concluir para citar mais em sua totalidade: “O fato essencial é o seguinte: a desqualificação do trabalho é o fim da civilização, isto é, o materialismo verdadeiro (...). O que é material na história? é a técnica, não a economia”⁴⁵. Assim, entre as características do mundo moderno, temos a impossibilidade de pensar concretamente sobre a relação entre o esforço e o resultado do esforço. Com isso, Simone Weil afirmou que temos três monstros da civilização de sua época: dinheiro, maquinário, álgebra.⁴⁶

Gabellieri afirma que a ação política como “trabalho” une método e inspiração⁴⁷. Duas obras importantes para destacar e para um posterior desenvolvimento sobre o tema encontram-se em dois de seus escritos. O primeiro, um ensaio de 1934, “Sobre as causas da liberdade e de opressão social” (sur les causes de la liberté et le oppression sociale) e o segundo, escrito 3 meses antes de sua morte, que ficou inacabado, *L’Enracinement* (*Enraizamento*). Este paralelo soa incompreensível se se postular uma ruptura entre a militante revolucionária dos anos 1930 e a autora de *L’Enracinement*. O contrário torna-se iluminador, ao se perceber, nos dois textos, um jogo ao mesmo tempo político e espiritual, e, portanto, a característica comum é procurar encarnar no ideal de liberdade, de justiça e de verdade presente no coração do homem, na condição de existência material mais elementar da vida humana.

Simone Weil escreverá, em 1933: “Toda a questão política se resume a isto: encontrar, nas condições determinadas, uma forma de sociedade que seja conforme as exigências da razão e que repouse ao mesmo tempo sobre

⁴⁵ WEIL, S. *Œuvres Complètes VI -1: Cahiers I* (1933-septembre 1941). Paris: Gallimard, 1994, p. 116-117.

⁴⁶ WEIL, S. *Œuvres Complètes VI -1: Cahiers I* (1933-septembre 1941), p. 100.

⁴⁷ GABELLIERI, E. *Penser le travail*. Simone Weil. Bruyères-le-Châtel: Nouvelle Cité, 2017, p. 121.

as necessidades inferiores”⁴⁸. O mesmo pensamento da autora aparecerá 5 anos mais tarde, no livro *L’Enracinement*: “a noção da ação pública como modo de educação do país”⁴⁹. Ela propõe que a política tem uma ligação estreita com as artes, como afirmaram Platão e Aristóteles, acrescentando as artes como a música, a pintura e a arquitetura. Assim, a ligação entre trabalho e contemplação, que se tinha visto constitutiva de um trabalho verdadeiramente humano, se encontra igualmente definida no princípio de uma ação política verdadeiramente humana.

Finalizamos nossa reflexão com a análise de Gabellieri em seu livro *Penser le travail*. Ele pergunta, a partir de Simone Weil: “é o trabalho, tudo o que fazemos, o oposto da liberdade e da “verdadeira vida, cuja humanidade poderia e deveria ser capaz de se libertar?”⁵⁰ Continua: “Ou é uma modalidade essencial de autorrealização, o lugar essencial da vida social, ao mesmo tempo que uma transformação do mundo capaz de libertar o homem do reino da necessidade?”⁵¹ Para Gabellieri a modernidade exaltou essa segunda perspectiva que, pela aliança da ciência e do trabalho, se tornaria mestre e possuidor da natureza e realizaria, enfim, a liberdade dos seres humanos. Assim esta mesma modernidade engendrou a condição proletária, a alienação do trabalho e a crise ecológica. Mas a crise da modernidade faz a primeira ressurgir, e parece conduzir, no período atual, a oscilar entre essas representações opostas.

Comparado a essas tendências muitas vezes enredadas no debate contemporâneo, o pensamento de Simone Weil pode parecer paradoxal. Por um lado, ninguém mais do que ela, a partir de sua experiência direta da condição proletária dos anos 1930, analisou e denunciou a alienação do trabalho. Mas, por outro lado, nenhum outro filósofo afirmou, sem dúvida, o valor humano e espiritual do trabalho autêntico e a possibilidade real de desenvolver uma “civilização” e uma “espiritualidade” do trabalho.

Afirmamos com ela que

buscar uma espiritualidade do trabalho não é se não prestar a atenção a esta forma de santidade e tratar de levar a cabo uma santidade que não consiste em separar-se do mundo e dos homens, se não precisamente o contrário, em fixar suas raízes entre os seres humanos e o solo deste mundo, porém com o olhar ligado no sobrenatural e com um desejo da graça que vem do alto.⁵²

⁴⁸ WEIL, S. *Leçons de philosophie* (Roanne 1933-1934). Transcritas e apresentadas por Anne Reynaud-Guérithault. Paris: Plon 1959, p. 131.

⁴⁹ WEIL, S. *L’Enracinement*: prélude à une déclaration des devoirs envers l’être humain. 28.éd. Paris: Gallimard, 1949, p. 244-246.

⁵⁰ GABELLIERI, E. *Penser le travail. Simone Weil*. Bruyères-le-Châtel: Nouvelle Cité, 2017, p. 21.

⁵¹ GABELLIERI, E. *Penser le travail. Simone Weil*, p. 21.

⁵² HERRANDO, C. El estado de la Cuestión. La espiritualidad del trabajo en Simone Weil. *Diálogo Filosófico*, v.26, n.78, p. 390-422, 2010, p. 420.

Assim como na época e na análise de Simone Weil, as condições de escravidão moderna têm suas raízes no poder, na conquista, na destruição das tradições de um povo, no trabalho proletário, mas também na redução da cultura a um saber puramente abstrato, ou seja, nas formas de desenraizamento.

Simone Weil é considerada por muitos uma profeta da “nova espiritualidade”⁵³, e a partir dela, e de sua obra, podemos afirmar que “as raízes da espiritualidade contemporânea encontram-se em uma ênfase na experiência humana. Em toda a sua variedade e dor, nossa experiência humana comum transforma-se no contexto imediato para a autorrevelação de Deus”⁵⁴. Com isso verificamos que certos escritos recentes sobre a espiritualidade adotam a indicação de que Auschwitz seja o símbolo da morte do modernismo, pois a tentativa de reduzir a realidade ao racional foi destruída na total irracionalidade dos campos de morte nazistas, desvelando mais alguns profetas como Dietrich Bonhoeffer, pastor luterano alemão, Etty Hillesum, escritora judia⁵⁵. Verifica-se que Simone Weil não fala da filosofia ou da política do trabalho, mas da “civilização” do trabalho. Ela não trata o trabalho como uma categoria em si, mas de ‘espiritualidade’ do trabalho, pois toca todas as dimensões da vida e da cultura. Para ela se trata de espiritualizar o trabalho, todo trabalho, principalmente os mais desprezados da sociedade e, sua essência é a mesma da civilização: unir a necessidade e o bem”⁵⁶

Emmanuel Gabellieri afirma que Simone Weil foi uma precursora, ou, mesmo, uma profetisa, que clama sobre dois temas que vieram à tona muito tempo depois de sua morte. A relação entre o cristianismo e as outras religiões – intuições da presença secreta do verbo na história. E a universalidade da encarnação. Desenvolveu uma espiritualidade do trabalho, afirmou que o totalitarismo está na origem do materialismo brutal.⁵⁷ Bernard-Marie Dupont classifica Simone como uma “mulher meteoro” e Albert Camus descreveu-a como “o único espírito grande de nosso tempo”⁵⁸.

⁵³ Emmanuel Gabellieri afirma que Simone Weil foi uma precursora, ou mesmo, uma profetisa, que clama sobre dois temas que vieram à tona muito tempo depois de sua morte. A relação entre o cristianismo e as outras religiões – intuições da presença secreta do verbo na história. E a universalidade da encarnação. Desenvolveu uma espiritualidade do trabalho, afirmou que o totalitarismo está na origem do materialismo brutal. (GABELLIERI, E. *La pensée de Simone Weil, une ressource pour aujourd'hui*. Entrevista, 2020). Bernard-Marie Dupont classifica Simone como uma “mulher meteoro”. Albert Camus descreveu-a como “o único espírito grande de nosso tempo”. (Disponível em: <<http://www.cles.com/itineraires/article/simone-weil-une-mystique-laique>>. Acesso em: 14 jan. 2012). Ver também: SHELDRAKE, P. *Espiritualidade e teologia: vida cristã e fé trinitária*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 25.

⁵⁴ SHELDRAKE, P. *Espiritualidade e teologia: vida cristã e fé trinitária*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 25.

⁵⁵ Cf. *Ibidem*.

⁵⁶ GABELLIERI, E. *Penser le travail. Simone Weil*. Bruyères-le-Châtel: Nouvelle Cité, 2017.

⁵⁷ GABELLIERI, E. *La pensée de Simone Weil, une ressource pour aujourd'hui*. Entrevista, 2020.

⁵⁸ DUPONT, B.-M. *Simone Weil, une mystique laïque*.

Considerações finais

Para Simone Weil, a vivência na fábrica tinha como objetivo experienciar a vida operária, pois desejava “ter um contato direto com a vida”⁵⁹. A vida era o contato direto com a realidade, unidade da teoria (ciência) e prática (trabalho). Afirmou, ainda, que a ciência moderna promoveu a organização mais eficaz do método de trabalho pela simplificação (divisão) das etapas de produção e favoreceu o conhecimento e o desenvolvimento técnico. Mas sabemos que a organização científica do trabalho (taylorismo) fragmentou não apenas as etapas do processo de produção, mas também o próprio trabalhador. Tecnicamente, o trabalhador transformou-se em coisa sob o jugo da máquina, e não o contrário, desumanizando o próprio ser humano. Isso porque o trabalhador passou a executar gestos determinados pela necessidade imposta pela máquina (no âmbito da fábrica), sem entender a relação desses com o resultado final de sua ação. Socialmente, o imperativo econômico impôs um ritmo desenfreado à produção e transformou o trabalho numa repetição de gestos sem sentido para o trabalhador, que entrou num ciclo de trabalhar para comer e comer para trabalhar. Assim, tornar o trabalho o sinal da condição humana é unir um conhecimento prático e concreto da realidade, com a arte ou a ciência, em um símbolo de pacto do ser humano com o universo e com a sociedade. Aí está, para ela, o caráter destrutivo da opressão: à classe privilegiada cabe a atividade do pensamento e, aos trabalhadores, a ação irrefletida sobre o mundo, e não o pensamento.

Simone interpela-nos continuamente com sua lucidez e força evocadora de suas palavras. Loucura para uns, resgate da vida para outros, para ela a gratuidade é o passo para a morte que nos alcança a vida plena se consentirmos nele, como Jesus.

Referências

- ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- BINGEMER, M. C. *Simone Weil: a força e a fraqueza do amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- BINGEMER, M. C. *Simone Weil: una mística en los limites*. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2011.
- BINGEMER, M. C.; PUENTE, F. R. *Simone Weil e a filosofia*. São Paulo; Rio de Janeiro: PUC RJ; Loyola, 2011.

⁵⁹ WEIL, S. *La condition ouvrière*. Paris: Gallimard, 1951, p. 170.

- CHENAVIER, R. *Une philosophie du travail*. Paris: Cerf, 2001.
- GABELLIERI, E. *Simone Weil*. Paris: Ellipses, 2001.
- GABELLIERI, E. *Être et Don: Simone Weil et la philosophie*. Louvain-Paris: Peeters, 2003.
- GABELLIERI, E. Simone Weil: uma filósofa da mediação e do dom. In: BINGEMER, M. C.; DE NICOLA, G. P. *Simone Weil: ação e contemplação*. São Paulo: Edusc, 2005. p. 110-135.
- GABELLIERI, E. *La pensée de Simone Weil, une ressource pour aujourd'hui*. Entrevista, 2020. Disponível em: <<http://www.paris.catholique.fr/La-pensee-de-Simone-Weil-une.html>>. Acesso em: 14 mai 2020.
- GABELLIERI, E. *Penser le travail. Simone Weil*. Bruyères-le-Châtel: Nouvelle Cité, 2017.
- GABELLIERI, E.; YVONNET, F. (Orgs.). *Simone Weil*. Paris: Les Cahiers de l'Herne, 2014.
- GAMARRA, S. *Teologia espiritual*. Madrid: BAC, 1994.
- HERRANDO, C. El estado de la Cuestión. La espiritualidad del trabajo en Simone Weil. *Diálogo Filosófico*, v.26, n.78, p. 390-422, 2010.
- SERRATO, A.; SOUZA, W. Práxis místico-ética em Simone Weil: a compaixão pelo outro sentida à flor da pele. *Pistis & praxis*. v.10, n.2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/issue/view/1931> Acesso em: 4 nov 2019.
- SHELDRAKE, P. *Espiritualidade e teologia: vida cristã e fé trinitária*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- VELASCO, J. M. *La experiencia mística*. Estudio interdisciplinar. Madri: Trotta, 2004.
- VELASCO, J. M. *El fenómeno místico: estudio comparado*. Madri: Trotta, 1999.
- WEIL, S. *Attente de Dieu*. Paris: La Colombe, 1952.
- WEIL, S. *La pesanteur et la grâce*. Paris: Librairie Plon, 1947-1988. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/weil_simone/pesanteur_et_grace/pesanteur_et_grace.html Acesso em: 10 ago 2020.
- WEIL, S. *La connaissance surnaturelle*. Paris: Gallimard, 1991.
- WEIL, S. *L'Enracinement: prélude à une déclaration des devoirs envers l'être humain*. 28.éd. Paris: Gallimard, 1949.
- WEIL, S. *Leçons de philosophie* (Roanne 1933-1934). Transcritas e apresentadas por Anne Reynaud-Guérithault. Paris: Plon 1959.
- WEIL, S. *La connaissance surnaturelle* (Cahiers d'Amérique). Paris: Gallimard, 1950.
- WEIL, S. *La condition ouvrière*. Paris: Gallimard, 1951.
- WEIL, S. *La Source grecque*. Paris: Gallimard, 1963.
- WEIL, S. *Œuvres Complètes II-1: Écrits historiques et politiques*. L'engagement syndical (1927- juillet 1934). Paris: Gallimard, 1988.
- WEIL, S. *Œuvres Complètes IV-1: Écrits de Marseille* (1940-1942), Philosophie, Science, Religion, Questions politiques et sociales. Paris: Gallimard, 2008.

WEIL, S. *Œuvres Complètes* IV-2: Ecrits de Marseille(1941-42),Grèce – Inde – Occitanie. Paris: Gallimard, 2009.

WEIL, S. *Œuvres Complètes* VI -1: Cahiers I (1933-septembre 1941). Paris: Gallimard, 1994.

WEIL, S. *Œuvres Complètes* VI-2: Cahiers II (septembre 1941-février 1942). Paris: Gallimard, 1997.

WEIL, S. *Œuvres Complètes* VI-3: Cahiers (février 1942-juin 1942). Paris: Gallimard, 2002.

WEIL, S. *Œuvres Complètes* VI -4: Cahiers (juillet 1942-juillet 1943), La Connaissance surnaturelle. Cahiers de New York et de Londres. Paris: Gallimard, 2006.

WEIL, S. *Œuvres. Simone Weil*. Introduit et dirigé par F. de Lussy. Paris: Gallimard, 1999.

Andreia Cristina Serrato

Rua Mato Grosso, 1286

Ferraria

83608-640 Campo Largo – PR

andreia.serrato@pucpr.br